BIBLIOGRAFIA

CAPISTRANO DE ABREU

ABDIAS LIMA

O historiador Capistrano de Abreu ganhou, na biografia de José Aurélio Câmara, as suas verdadeiras dimensões.

Aqui está o filho de Maranguape, no seu sítio de Columinjuba, respirando o ar salutífero da serra, os seus estudos em Fortaleza, os movimentos literários do Ceará, liderados por jovens (Rocha Lima, 18 anos, João Lopes, 19, Capistrano, 20, Xilderico de Faria, 22), a Capital risonha, com os seus lampiões sonolentos (a partir das 8 horas da noite, tomava-se banho, nu, num cacimbão da Praça do Ferreira em contraste com a sua vida intelectual ardente, circulando 4 jornais diários e dois semanais. Estavamos em 1870, há cem anos! O Ceará, se não fosse a terra do Sol, seria mesmo a terra da Luz.

"Com 21 anos deixava Capistrano o Ceará, em busca do Rio de Janeiro. Trocava para sempre a terra que lhe dera o berço por aquela que lhe daria a glória". (P. 90). O matutão sertanejo chega ao Rio, em 1875, com um cabedal de conhecimentos assombrosos, já testados, anos antes, por José de Alencar, em Maranguape, quando este recebeu a visita do futuro historiador e crítico literário.

Emprega-se na Livraria Garnier, dá aulas particulares, entra, por concurso, para a Biblioteca Nacional e em seguida para o Colégio Pedro II, cadeira de Corografia e História, certame em que bateu longe os examinadores.

Aqui há um erro de data. Se Capistrano entrou no famoso Colégio em 1882 e nele passou 15 anos, não pôde ter saído em 1889, ano da proclamação da República. Epitácio Pessoa não fez parte do Ministério de Deodoro e foi adversário de Floriano Peixoto. Foi Ministro, sim, do Interior, no governo de Campos Sales (1898-1902).

Capistrano de Abreu mergulha inteiramente na História do Brasil. Dominando vários idiomas, pôde ler os textos holandeses, ingleses, alemães (lia obras alemãs, deitado na rede, sem consultar dicionários) que se referiam à nossa História, principalmente.

Pandiá Calógeras dizia que "sua cultura resumia bibliotecas inteiras, a serviço da inteligência mais aguda, mais informada e

de maior equilíbrio que tenha existido". (P. 122). Afonso de E. Taunay foi seu aluno.

José Aurélio Câmara parece um André Maurois, biografando vultos notáveis, uma George Sand, um Shelley ou um Marcel Proust. Aponta falhas do Mestre que não quis entrar para a Academia Brasileira de Letras. Considera os "Capítulos de História Colonial" a sua maior obra e uma das mais sugestivas do Brasil, no gênero.

Depois de ter atingido a glória nos domínios do pensamento, íntimo de altas personalidades da República, sem nunca perder a modéstia, sempre naquele jeitão de matuto de Columinjuba, Capistrano de Abreu começa a provar do cálice da amargura. Morre-lhe a esposa, o filho, a filha Honorina entra para o Claustro. Ele próprio faleceu no dia 13 de agosto de 1927. Nascera a 11 de janeiro de 1853.

Da belíssima fonte consultada, pareceu-me que a biografia de Pedro Gomes de Matos muito auxiliou este "Capistrano de Abreu", de José Aurélio Câmara, que saiu sob o selo da Livraria José Olímpio Editora.

Capistrano gostava de ler? Em criança, lia trepado nas árvores, e maduro, montado a cavalo, do qual às vezes caía, continuando a ler... O poeta Antônio Sales conta (no momento, hospedado com Capistrano na casa de Virgílio Brígido) que uma tarde desabou um pé d'água e logo um raio cortou a trave mestra da cumeeira fazendo cair parte do telhado. Sales com a esposa sairam, correndo. "Fomos ao encontro dos outros habitantes da casa, a ver se estavam todos incólumes, e formamos na varanda um grupo em que todos, lívidos de susto, tremiam da cabeça aos pés. Um fragmento da parede apanhara a cabeça de uma das filhinhas de Virgílio, atirando-a por terra. Mas estávamos todos vivos. Só minutos depois é que nos lembramos de Capistrano e fomos, incorporados, saber o que era feito dele. Estirado na rede, Capistrano lia, e ouvindo os nossos passou, tirou os olhos do livro, e disse calmamente: "Que trovão danado, hein?". (P. 147).

E assim, ora citando fatos pitorescos, ora importantes da vida de Capistrano, José Aurélio Câmara construiu, em termos de grandeza, a real estátua do maranguapense nacional, como bem o chamou, no seu formoso prefácio, outro comprovinciano de semelhante cultura e inteligência, Djacir Meneses.

No fim do volume, enriquecendo-o ainda mais, transcreveu o autor conceitos e opiniões de Capistrano sobre diversos assuntos. "Amo e admiro o Brasil e espero sempre nele. Os maus brasileiros passam; o Brasil fica".

(Transcrito do jornal "O POVO", de Fortaleza)